

SABERES ANCESTRAIS E EDUCAÇÃO CONTRA-HEGEMÔNICA NA CASA DE BARRO DE DONA SEBASTIANA EM CANAAN, TRAIRI – CE

Marcilio Bezerra dos Santos¹;

Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Trairi, CE.

<http://lattes.cnpq.br/1130280346564788>

Célio Alves Ribeiro²;

Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Trairi, CE.

<http://lattes.cnpq.br/8408378681906640>

Ana Nunes Cunha³;

Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Trairi, CE.

<http://lattes.cnpq.br/1560555684674381>

Francisco Borges da Silva⁴;

Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Trairi, CE.

<http://lattes.cnpq.br/5634447753990541>

Sueli Alves Ribeiro Cologna⁵;

Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Trairi, CE.

<http://lattes.cnpq.br/2100276689834912>

Raimundo Adelino Torres⁶.

Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), Trairi, CE.

<http://lattes.cnpq.br/6917311129937270>

RESUMO: Esta experiência apresenta e analisa uma oportunidade pedagógica desenvolvida no âmbito do ensino de Sociologia com estudantes do Ensino Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, localizada no distrito de Canaan, município de Trairi, Ceará. A experiência consistiu em uma visita pedagógica à Casa de Barro de Dona Sebastiana, espaço cultural coletivo e inacabado, construído a partir de saberes tradicionais ligados à arquitetura vernacular em barro. Fundamentado na Sociologia da Cultura, na Educação Popular, nos estudos decoloniais e nos pressupostos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o texto compreende a casa de barro como território de memória, produção de conhecimentos tradicionais e prática contra-hegemônica. O gesto artesanal de amassar o barro é analisado como ação pedagógica que articula corpo, território, ancestralidade e aprendizagem significativa, promovendo uma educação situada, crítica e dialógica. Os resultados evidenciam o fortalecimento do pertencimento territorial, a valorização dos saberes comunitários e a ampliação do sentido do ensino de Sociologia como prática viva, comprometida com a formação cidadã e com o reconhecimento da diversidade sociocultural brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Sociologia. Saberes Tradicionais. Território.

ANCESTRAL KNOWLEDGE AND COUNTER-HEGEMONIC EDUCATION IN DONA SEBASTIANA'S MUD HOUSE IN CANAAN, TRAIRI - CE

ABSTRACT: This experience presents and analyzes a pedagogical opportunity developed within the scope of Sociology teaching with students from the Padre Rodolfo Ferreira da Cunha High School, located in the district of Canaan, municipality of Trairi, Ceará. The experience consisted of a pedagogical visit to Dona Sebastiana's Clay House, a collective and unfinished cultural space, built from traditional knowledge linked to vernacular clay architecture. Based on the Sociology of Culture, Popular Education, decolonial studies, and the assumptions of the National Common Curricular Base (BNCC), the text understands the clay house as a territory of memory, production of traditional knowledge, and counter-hegemonic practice. The artisanal gesture of kneading clay is analyzed as a pedagogical action that articulates body, territory, ancestry, and meaningful learning, promoting situated, critical, and dialogical education. The results highlight the strengthening of territorial belonging, the appreciation of community knowledge, and the broadening of the meaning of teaching Sociology as a living practice, committed to civic education and the recognition of Brazilian sociocultural diversity.

KEYWORDS: Sociology teaching. Traditional knowledge. Territory.

INTRODUÇÃO

O ensino de Sociologia no Ensino Médio brasileiro tem sido historicamente desafiado a superar práticas pedagógicas excessivamente abstratas, conteudistas e dissociadas da realidade social vivida pelos estudantes. Embora a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaque a importância da contextualização, do pensamento crítico e da valorização da diversidade cultural, ainda persistem dificuldades em traduzir esses princípios em práticas pedagógicas efetivamente enraizadas nos territórios escolares.

No contexto do distrito de Canaan, município de Trairi (CE), marcado por forte presença de práticas culturais tradicionais, saberes ancestrais e modos de vida ligados à terra, à agricultura familiar e à construção artesanal, a escola pública assume papel estratégico na mediação entre conhecimentos científicos e saberes populares. No entanto, tais saberes historicamente foram marginalizados pelos currículos escolares, considerados como folclóricos ou pré-modernos.

Esta experiência parte da compreensão de que a educação sociológica pode — e deve — dialogar com os territórios onde os estudantes vivem, reconhecendo-os como espaços legítimos de produção de conhecimento. A experiência pedagógica realizada na Casa de Barro de Dona Sebastiana configura-se, assim, como uma prática educativa contra-hegemônica, ao deslocar o eixo do ensino da sala de aula para o território vivido e ao reconhecer a mestra construtora como sujeito epistêmico.

Inserido como capítulo de tese ou livro, o texto busca contribuir para o debate contemporâneo sobre currículo, educação básica e sociologia escolar, articulando teoria

sociológica, prática pedagógica e conhecimentos tradicionais.

A construção do referencial teórico deste capítulo parte da compreensão de que a educação, enquanto prática social, está intrinsecamente vinculada aos territórios onde se realiza, às culturas que os constituem e às disputas epistemológicas que atravessam os processos de produção do conhecimento. Nesse sentido, dialoga-se com autores da Sociologia da Cultura, da Antropologia, da Pedagogia Crítica e dos estudos decoloniais, articulando suas contribuições à análise da experiência pedagógica desenvolvida na Casa de Barro de Dona Sebastiana.

A noção de cultura adotada neste trabalho afasta-se de compreensões essencialistas ou restritas à dimensão erudita. Raymond Williams (1977) concebe a cultura como um modo de vida, produzido nas práticas cotidianas, nas relações sociais e nas formas de organização simbólica dos grupos sociais. Essa perspectiva permite compreender a casa de barro não como um artefato isolado, mas como expressão material de uma cultura viva, em permanente construção.

Clifford Geertz (1989) contribui ao compreender a cultura como um sistema de significados compartilhados, tecido pelos próprios sujeitos em suas interações sociais. A prática da construção em barro, nesse sentido, carrega símbolos, valores e narrativas que informam modos específicos de habitar o mundo. Ao acessar essas práticas, a escola aproxima-se de uma leitura densa da cultura local, rompendo com abordagens superficiais ou folclorizantes.

Pierre Bourdieu (2007), ao discutir o conceito de habitus, oferece importantes aportes para compreender como os saberes tradicionais se inscrevem no corpo. O gesto de amassar o barro revela disposições corporais e cognitivas historicamente incorporadas, transmitidas de geração em geração. Tais disposições, frequentemente desvalorizadas pelo currículo escolar, constituem formas legítimas de conhecimento prático e simbólico.

O território é compreendido neste trabalho não apenas como espaço físico, mas como construção social, histórica e simbólica. Autores como Milton Santos (2006) destacam que o território é resultado das relações sociais e das práticas humanas que nele se inscrevem. Assim, os saberes tradicionais vinculados à construção da casa de barro emergem da relação contínua entre comunidade, ambiente e memória coletiva.

Tim Ingold (2000) amplia essa compreensão ao afirmar que o conhecimento se constrói no fazer, na interação sensível entre corpo, matéria e ambiente. A arquitetura vernacular em barro expressa uma forma de conhecimento que não se separa da experiência, da observação da natureza e do tempo próprio dos processos artesanais. Essa perspectiva tensiona a dicotomia entre conhecimento científico e conhecimento tradicional, frequentemente reproduzida pela escola.

Claude Lévi-Strauss (1989), ao discutir o pensamento selvagem, contribui para a compreensão das técnicas tradicionais como sistemas complexos de conhecimento, baseados na observação empírica e na experimentação. A construção em barro, longe de ser uma prática rudimentar, envolve saberes sofisticados sobre materiais, clima e equilíbrio

estrutural, transmitidos por meio da oralidade e da prática.

No campo da pedagogia, este trabalho dialoga diretamente com a Pedagogia Crítica e com a Educação Popular. Paulo Freire (1996) defende uma educação baseada no diálogo, na problematização da realidade e no reconhecimento dos saberes dos sujeitos (Figura 2). A experiência na Casa de Barro de Dona Sebastiana materializa esses princípios ao reconhecer a comunidade como produtora de conhecimento e ao promover uma aprendizagem dialógica e participativa.

A escola, ao deslocar-se para o território, rompe com a lógica bancária da educação e reafirma seu papel como mediadora cultural. A prática analisada aproxima-se daquilo que Freire denomina como leitura do mundo, na qual o conhecimento emerge da relação crítica com a realidade vivida. Nesse contexto, os estudantes tornam-se sujeitos ativos do processo educativo, e não meros receptores de conteúdos.

Célia Xakriabá (2020; 2025) contribui significativamente ao propor a noção de “amansar o giz”, metáfora que expressa a necessidade de devolver o conhecimento ao corpo, à terra e à experiência. A substituição simbólica do giz pelo barro representa uma crítica à escolarização descolada do território e reafirma a importância de pedagogias enraizadas nos contextos socioculturais dos estudantes.

Os estudos decoloniais constituem eixo central deste referencial teórico. Aníbal Quijano (2005) introduz o conceito de colonialidade do saber para explicar como a modernidade eurocêntrica hierarquizou conhecimentos, inferiorizando saberes não ocidentais. No campo educacional, essa lógica manifesta-se na desvalorização dos conhecimentos tradicionais e comunitários.

Boaventura de Sousa Santos (2010) aprofunda essa crítica ao propor uma ecologia de saberes, na qual diferentes formas de conhecimento coexistem sem hierarquização. A experiência na Casa de Barro de Dona Sebastiana dialoga diretamente com essa proposta, ao articular saberes científicos, pedagógicos e tradicionais em um mesmo processo educativo.

Stuart Hall (2006), ao discutir identidade e cultura na contemporaneidade, contribui para compreender a experiência como espaço de disputa simbólica. A valorização da casa de barro confronta narrativas hegemônicas que associam desenvolvimento à negação da ancestralidade, afirmando identidades territoriais historicamente subalternizadas.

Assim, o referencial teórico adotado sustenta a compreensão de que práticas educativas enraizadas nos territórios e nos saberes tradicionais constituem caminhos potentes para a construção de uma educação crítica, democrática e decolonial. Ao articular cultura, território, pedagogia crítica e ecologia de saberes, este capítulo reafirma a escola pública como espaço de produção coletiva de conhecimento e de resistência epistemológica.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar a experiência pedagógica realizada na Casa de Barro de Dona Sebastiana

como prática sociológica situada, articulando saberes tradicionais, território, currículo do Ensino Médio e os pressupostos da BNCC.

Objetivos Específicos

- Relacionar a construção artesanal da casa de barro com a produção de conhecimentos tradicionais dos territórios;
- Compreender a experiência à luz de conceitos sociológicos como cultura, habitus, identidade e colonialidade do saber;
- Evidenciar a articulação da prática com as competências gerais e específicas da BNCC.

METODOLOGIA

Esta experiência configura-se como um Relato de Experiência de natureza qualitativa, fundamentado em princípios da pesquisa-ação, da observação participante e da educação popular. A opção metodológica justifica-se pela natureza da prática analisada, que envolve a interação direta entre escola, estudantes e comunidade, bem como pela necessidade de compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos às experiências vividas no território.

A experiência pedagógica foi desenvolvida com estudantes do 1º e 2º anos do Ensino Médio da Escola de Ensino Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, localizada no distrito de Canaan, município de Trairi (CE). Participaram da atividade estudantes regularmente matriculados na disciplina de Sociologia, o professor da área, membros da comunidade de Caraúbas e a mestra construtora Dona Sebastiana, reconhecida como detentora de saberes tradicionais relacionados à construção artesanal em barro (Figura 1).

Figura 1: Participação de professor e estudante na construção participada da Casa de Barro.



Fonte: Autor, 2025.

A atividade central consistiu em uma visita pedagógica orientada à Casa de Barro de Dona Sebastiana, espaço cultural coletivo e inacabado, construído a partir de técnicas

tradicionais de arquitetura vernacular. A escolha desse espaço como locus da experiência pedagógica foi intencional, uma vez que ele se configura como território de memória, produção cultural e transmissão intergeracional de conhecimentos (Figura 2).

Os procedimentos metodológicos adotados incluíram, inicialmente, momentos de preparação em sala de aula, nos quais foram trabalhados conceitos sociológicos como cultura, identidade, trabalho, conhecimento, desigualdade e poder, em diálogo com as diretrizes do currículo do Ensino Médio e com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esses momentos preparatórios tiveram como objetivo situar teoricamente os estudantes e sensibilizá-los para a importância da experiência de campo.

Durante a visita pedagógica, foram realizadas atividades de observação participante, nas quais os estudantes foram convidados a acompanhar e participar do processo de construção da casa de barro, especialmente no gesto de amassar o barro. Esse envolvimento prático permitiu que os estudantes experienciassem corporalmente os saberes tradicionais, rompendo com a lógica da aprendizagem exclusivamente intelectualizada.

Figura 2: Experiência da produção da Casa de Barro por estudantes.



Fonte: Autor, 2025.

Outro procedimento metodológico fundamental foi a escuta das narrativas orais de Dona Sebastiana e de outros membros da comunidade. As narrativas foram compreendidas como fontes legítimas de conhecimento, possibilitando o acesso às memórias, histórias de vida e significados atribuídos à prática construtiva. A oralidade, nesse contexto, assumiu estatuto epistemológico, em consonância com os pressupostos da Educação Popular e dos estudos decoloniais.

As interações ocorridas durante a visita foram registradas por meio de anotações em diário de campo, registros fotográficos e rodas de conversa realizadas ao final da atividade. As rodas de conversa tiveram como finalidade promover a reflexão coletiva sobre a experiência, permitindo que os estudantes expressassem percepções, sentimentos e

aprendizagens construídas ao longo do processo.

A análise dos dados produzidos seguiu uma abordagem interpretativa, buscando compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos à experiência vivida. As reflexões dos estudantes, as narrativas comunitárias e as observações do professor foram articuladas com o referencial teórico da Sociologia da Cultura, da Educação Popular e dos estudos sobre colonialidade do saber.

Do ponto de vista ético, a experiência respeitou os princípios do consentimento informado, do respeito à comunidade e da valorização dos saberes locais. A participação dos sujeitos ocorreu de forma voluntária, e os registros realizados tiveram finalidade exclusivamente educativa e acadêmica.

Assim, destaca-se que a metodologia adotada dialoga diretamente com as competências gerais da BNCC, especialmente aquelas relacionadas ao pensamento crítico, à valorização da diversidade cultural, ao protagonismo juvenil e à empatia. A escolha por uma abordagem metodológica participativa reafirma a escola como espaço de mediação cultural e produção coletiva de conhecimento, fortalecendo a articulação entre currículo, território e práticas sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da experiência pedagógica desenvolvida na Casa de Barro de Dona Sebastiana evidenciam que o território, quando reconhecido como espaço educativo, amplia significativamente as possibilidades de aprendizagem sociológica no Ensino Médio. A vivência permitiu aos estudantes acessarem conhecimentos que não se apresentam de forma fragmentada ou abstrata, mas integrados às práticas cotidianas, às memórias coletivas e aos modos de vida da comunidade.

Um dos principais resultados observados foi o fortalecimento do vínculo dos estudantes com o território onde vivem. Ao participarem ativamente da construção da casa de barro, os jovens passaram a reconhecer práticas tradicionais, antes naturalizadas ou invisibilizadas, como saberes legítimos e complexos. Esse reconhecimento contribuiu para a ressignificação de suas próprias identidades culturais, produzindo um sentimento de pertencimento e valorização do lugar. Tal processo dialoga com Stuart Hall, ao compreender a identidade como construção histórica e relacional, constantemente produzida nas interações sociais.

O gesto de amassar o barro constituiu-se como núcleo central da experiência. Do ponto de vista pedagógico, esse gesto operou como mediador entre teoria e prática, possibilitando que conceitos sociológicos fossem apreendidos a partir da experiência vivida. A manipulação do barro ativou dimensões corporais da aprendizagem, frequentemente negligenciadas pela escola tradicional, reforçando a compreensão de que o corpo é também lugar de inscrição do conhecimento, conforme aponta Pierre Bourdieu ao tratar do habitus.

A experiência revelou, ainda, que a oralidade assumiu papel fundamental na produção do conhecimento. As narrativas compartilhadas por Dona Sebastiana durante a visita

não apenas contextualizaram a prática construtiva, mas transmitiram valores, memórias e modos de interpretar o mundo. A escuta dessas narrativas rompeu com a hierarquia tradicional entre saber científico e saber popular, instaurando uma relação horizontal de aprendizagem. Nesse sentido, a prática aproxima-se dos pressupostos da Educação Popular, ao reconhecer a palavra dos mais velhos como fonte legítima de conhecimento.

Do ponto de vista curricular, os resultados demonstram que a atividade possibilitou o trabalho integrado de conteúdos estruturantes da Sociologia no Ensino Médio, tais como cultura, trabalho, conhecimento, identidade, desigualdade e poder. Esses conteúdos, frequentemente abordados de forma conceitual em sala de aula, foram experienciados concretamente pelos estudantes, permitindo uma compreensão mais profunda e significativa. A prática também se mostrou alinhada às competências gerais da BNCC, especialmente aquelas relacionadas ao pensamento crítico, à valorização da diversidade cultural, ao protagonismo juvenil e à empatia.

A discussão dos resultados à luz dos estudos decoloniais evidencia que a experiência tensiona a colonialidade do saber presente na educação formal. Ao legitimar a construção em barro como tecnologia social e cultural, a escola confronta a lógica eurocêntrica que historicamente desqualificou saberes tradicionais e rurais. Conforme Aníbal Quijano, a colonialidade opera justamente na hierarquização dos conhecimentos; ao subverter essa lógica, a Casa de Barro de Dona Sebastiana configura-se como espaço de resistência epistemológica.

Outro resultado relevante refere-se à coautoria estabelecida entre escola, estudantes e comunidade. A experiência não se restringiu a uma atividade extraclasse, mas configurou-se como prática coletiva de produção de conhecimento. Os estudantes atuaram como participantes ativos, a comunidade como detentora e transmissora de saberes, e a escola como mediadora cultural. Essa configuração rompe com o modelo transmissivo de ensino e reafirma uma pedagogia dialógica e participativa.

Por fim, a discussão aponta que a substituição simbólica do giz pelo barro, do quadro pela parede inacabada e da carteira pelo chão produziu uma inversão pedagógica significativa. Essa inversão permitiu desacelerar o tempo escolar, valorizar a escuta e promover aprendizagens baseadas na experiência. Conforme propõe Célia Xakriabá, “amansar o giz” significa devolver o conhecimento à vida, ao território e ao corpo. Os resultados indicam que essa devolução não apenas amplia a aprendizagem, mas reencanta o processo educativo, reafirmando a escola como espaço de mediação cultural e transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consolida uma proposição pedagógica e epistemológica que recoloca o território no centro do processo educativo e reafirma a escola pública como espaço de mediação cultural, produção coletiva de conhecimento e resistência às hierarquias históricas do saber. Ao articular cultura, território, pedagogia crítica e decolonização, a experiência

desenvolvida na Casa de Barro de Dona Sebastiana demonstra que os saberes tradicionais não constituem resquícios de um passado a ser superado, mas fundamentos vivos para a construção de aprendizagens significativas e socialmente comprometidas.

O percurso teórico-metodológico apresentado sustenta que práticas educativas enraizadas no cotidiano dos estudantes ampliam o alcance do ensino de Sociologia, possibilitando a compreensão crítica das relações sociais a partir da experiência vivida. O reconhecimento da comunidade como coautora do processo educativo rompe com a lógica transmissiva e reafirma princípios da educação popular, do diálogo e do protagonismo juvenil, em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular.

Enquanto contribuição acadêmica, o capítulo dialoga com debates contemporâneos sobre currículo, epistemologias do Sul e educação básica, oferecendo subsídios teóricos e metodológicos para pesquisadores, professores e gestores interessados em práticas pedagógicas territorializadas. Enquanto prática educativa, reafirma que “amansar o giz” é um gesto político e pedagógico que devolve o conhecimento ao corpo, à terra e à vida, reencantando a escola com os saberes que brotam do chão onde ela se inscreve.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment**. Londres: Routledge, 2000.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.
- QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2010.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.
- XAKRIABÁ, Célia. **Amansar o giz**. Disponível em: <https://piseagrama.org>. Acesso em: 15.12.2025.